

Procissão dos Passos

Mação mantém com brio, com legítimo orgulho, a tradição famosa da Procissão dos Passos. O Domingo de Passos é, indubitavelmente, o dia grande de Mação.

Mação tem dias grandes: os dos mercados, os da feira dos Santos, os da Semana Santa, os das festas de verão, mas o de Passos é o Dia Maior.

Na vila, muitos dias antes, vai uma azáfama grande, de variados aspectos: o asseio das casas, o preparar dos



Os «anjos» caminham lentamente, gravemente, transportando os emblemas da Paixão do Senhor

trajos de luto, a encomenda das flores que hão-de ornar o andor e os «Passos», o fabrico das «fôfas» — as afamadas «cavacas» de Mação — a escolha das crianças que hão-de ir de anjos na Procissão, tarefa espinhosa e que não raro dá de si melindres de tomo. Tudo isto, e o mais que importa fazer para manter briosamente a tradição, preocupa os maçaenses nos dias que antecedem o da Procissão.

E, sobre essas preocupações bairristas, que enchem de movimentado labor muitos dias, serões e madrugadas, paira uma preocupação maior: a do tempo que fará.

Nos dois ou três dias anteriores, núvem que apareça no céu limpo é olhada mais hostilmente do que o teria sido a núvem que os ares escurece pelos nautas do Gama na dobragem do Tormentório; e, se o céu se mostra carancudo, raio de sol que lhe rompa as núvens é olhado com mais amorosa esperança do que o teria sido o sinal de Ourique pelos lidadores do primeiro Afonso.

Dai, do aguilhoar dessa preocupação, o sucederem-se as consultas ao «Borda d'Água», aos barómetros e, sobretudo, aos mais acreditados intérpretes do «Lunário Perpétuo», dos malefícios da lua marçalina, do cantar do galo e de outras fontes de ciência em que se pode colher a certeza de que está para chover quando o céu está limpo e de que está para vir bom tempo quando chove.

E, enquanto estas preocupações dominam os maçaenses, centenas, milhares de pessoas, do concelho e de outras terras vizinhas, aprestam-se para acorrer a Mação no dia grande, no dia dessa Procissão para cuja grandeza muito concorre a configuração do terreno com o Monte Calvário a fazer-nos lembrar a descrição de Augusto Gil:

Ao alto de um cêrro íngreme, escalfado e pardo
Adonde só viceja — e desoladamente
A rama da carrasca e a fôlha hostil do cardo

Revelação abrupta e trágica e ôbumbrante
Em cuja penedia aspérrima e mordente
Jamais se viu e ouviu que um passarinho cante...

Que ao escalá-la alguém — curvado, exausto, arfando —
Sob os mal firmes pés se desagrega a terra
E sôltas, para o fundo, as pedras vão rolando...

* * *

Sábado. Os últimos preparativos. As «fôfas» cãndidamente vestidas de açúcar, são tiradas das suas camas de «caruma» de pinho; passam-se a ferro os vestidos dos anjos, e compõem-se as azas e os diademas; saem dos fornos os taboleiros das doces «tramelas» que hão-de ser a delícia dos pequenos, sem deixarem de o ser também de muitos grandes; concluem-se ou reconstituem-se as «tochas» que hão-de figurar nas procissões da noite com as suas fantasias de papeis variegados; pela tarde vestem-se Jesus e Nossa Senhora, enfloram-se os andores e distribuem-se as opas rôxas.

Cerra-se a noite. Jesus é levado no seu camarim da Misericórdia para a Matriz e, depois, vai Nossa Senhora, também da Misericórdia para a capela de S. Sebastião.

Esta procissão é impressionante. Na Rua Pina Falcão, na Praça e na Rua Vasconcelos e Sá, tôdas as janelas teem luzes. A multidão em longas filas, com velas e «tochas», entôa em côro alto a Avé-Maria. E quando a Virgem passa no seu andor, tôda de rôxo, a toalha fina e branca e rendada sôbre as mãos, a comoção de muitos que assistem ao correr dêsse rio luminoso e grave de fé sobe em maré alta.

* * *

Domingo. Logo manhã cêdo armam-se os Passos e enfeitam-se de espadanas e lírios rôxos e círios. Em frente deles a rua está juncada e no junco ajoelham

gentes simples com a fé brotando dos olhos comovidos e dos lábios murmurantes. Gentes simples que parecem acabadas de chegar da Galileia de há vinte séculos, tendo-se vestido à moda actual.

Certamente eram assim, simples, aqueles que Jesus mais amava: os Pescadores lançando as redes sob a sua palavra, o centurião julgando-se indigno de o receber, Mateus deixando o telónio para o seguir, a doente que lhe tocou a ocultas a túnica, Madalena ungindo-lhe os pés, a Cananea prostando-se, súplice, na lama do caminho, Lázaro implorando as migalhas do banquete do mau rico, Zaqueu trepando ao sicómoro para o ver passar, a viúva paupérrima lançando no gazofilácio o seu último quadrante.

Certamente eram assim aqueles que Jesus mais amava: os pobres, os humildes, os sofredores, os famintos de pão, os sequiosos de justiça, os pequeninos, como aquelas crianças que lhe levaram e que foram empurradas pelos discípulos, a quem Jesus censurou:

.....
Eles, para o Senhor, confiantes, caminhavam,
Presos do Salvador, jubilosos, sem medo,
Como de aves de um bando, encantador e ledó.
E os discip'los os empurravam
Com modo azêdo,
Ameaçando os da turba, os que os apresentavam.

Levou Jesus a mal, aos discip'los zangados,
O seu gesto, e, chamando a si êsses meninos,
Disse aos seus: «Deixai vir a mim os pequeninos.»
E, p'los seus negros ou doirados
Cabelos finos,
O divino Jesus passa os dedos sagrados.

.....
Agora, pelas duas da tarde, é a filarmónica que passa, que vai percorrendo as ruas executando uma marcha grave, em busca dos «anjos» para os conduzir à Igreja.

Às três horas, prêgado, na Matriz apinhada, o sermão do Pretório, começa a desfilar a procissão.

À frente, o guião roxo com as iniciais da homenagem do Senado e do Povo de Roma.

A condução desta insignia é tarefa pesada e preocupante. São raros os que se julgam aptos para tal tarefa, não só pelo peso do guião mas também porque o trajecto é grande e, muitas vezes, o vento, sobretudo na subida do Calvário, torna extrema a dificuldade, sujeitando a dura prova a força de pulso e as faculdades de equilíbrio daquele que o conduz.

Depois do guião seguem as mulheres de negro, com velas na mão em duas extensas alas e, entre elas, caminham lentamente, gravemente, os anjos, transportando os emblemas da Paixão do Senhor.

Depois, vem Jesus vergado ao peso da Cruz no seu andor tapetado de camélias e violetas.

A seguir, o pálio a cujas varas vão, muito sérios, muito graves nas suas opas rôxas, os notáveis da terra.

Fecha o cortejo a filarmónica, pondo no ambiente enlutado os acordes plangentes duma marcha fúnebre.

Quando o Senhor dos Passos pára na Praça, começa o sermão do Encontro.

O andor de Nossa Senhora, vindo de S. Sebastião, surge ao fundo da Rua Vasconcelos e Sá, como a Virgem tinha surgido no caminho de Jesus, saindo duma ruela de Jerusalém:

Duma ruela estreita e fria, ingreme e escura,
Uma mulher em pranto ali surgiu então.
E' a Mãe de Jesus! Pára, num repelão,
Parece que a desvaira o fogo da loucura
Deparando co'o Filho amado que procura,
Que vai passando ali, sangrento, enlameado.
E sente o coração ferido, trespassado
P'la espada de Simeão, a espada da amargura.

Caíra o Salvador sob o peso da Cruz.
E a Virgem brada então: «Meu Filho! Meu amor!»
E afasta a multidão e avança p'r'o Senhor.
Ligeira hesitação na turba se produz:
«Que mal fizeste tu, Meu Filho! Minha luz?»
«E, conseguindo, enfim, a turba atravessar,
«Junto do Salvador acaba por chegar
«E cai-lhe aos pés gemendo: «Ó Filho! Ó meu Jesus!»

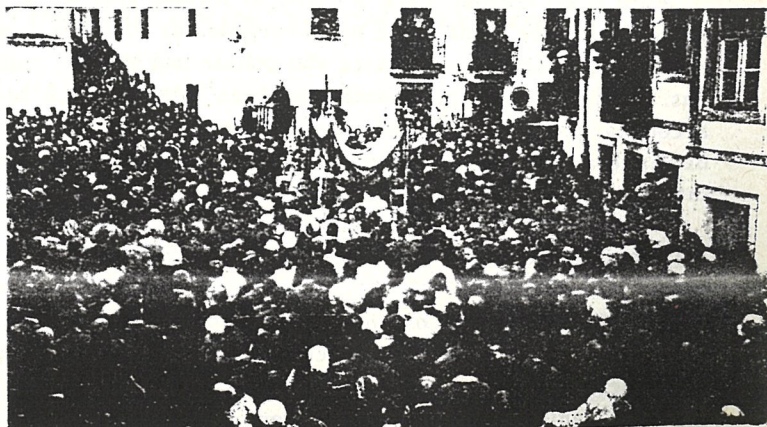
«Porque Te vão matar? Tanto bem que espalhaste!
«As desventuras mil a que Tu assististe,
«Ao fraco dando força e alegrias ao triste!
«Tanta doutrina justa e santa que prêgaste!
«E os leprosos, Jesus, que tantos Tu curaste!
«E os que fizeste ver e os que fizeste andar!
«E as almas, Meu Senhor, que vieste salvar!
«E os mortos, Meu Jesus, que Tu ressuscitaste!

«Porque te vão matar? Tanta dor e desgraça
«Que veio junto de Ti, Meu Deus e Meu Senhor,
A que remédio deste, ó Filho! Ó Meu amor!»
E a Virgem, p'la cintura o Salvador abraça.
E, beijando-A, Jesus mais lhe acrescenta a graça.
Ao sangue de Jesus, o pranto de Maria
Se junta e co'ele corre e ensopa a terra fria.
E um frémito de dó pela multidão passa.

.....
Terminado o sermão do Encontro, a procissão retoma a sua marcha, a caminho do Calvário, parando nos «Passos» para o entoar dos «motetes» que um grupo de filarmónicos acompanha.

Depois de subir a aspreza da Rua da Amargura, a procissão chega ao cimo do monte, onde a multidão já a aguarda para escutar o sermão do Calvário.

Tem grandeza o cenário. O sol vai mergulhando no



O Encontro, na Praça Gago Coutinho